

**IMORTAIS DA ACADEMIA**  
**EPISÓDIO 19 – A MELODIA IMORTAL DA LITERATURA**

**01:00:17:17**

**ABERTURA**

**01:00:22:06**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,  
Arte e ciência, pensamento e memória,  
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.  
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.  
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,  
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:02:20**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:17:20**

**ANTONIO CARLOS SECCHIN - Atual ocupante da cadeira 19**

Todos nós devemos prolongar um pouco essa melodia imortal da literatura. Nós somos operários, precários e imortais, a serviço de alguma coisa que nos transcende. Então a devoção com a causa literária, a uma realidade poética, é aquilo que deve mover e a combustão do verdadeiro escritor.

**01:01:50:28**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 19: A melodia imortal da literatura**

**01:01:58:20**

**ANTONIO CARLOS SECCHIN - Atual ocupante da cadeira 19**

A poesia não é feita assim como um manso lago de águas plácidas e serena. Como toda água, água do oceano, ela pode conter turbilhões, pode conter maremotos, pode abrigar naufrágios e salvações. Então eu creio que o poeta deve ser aquele que experimenta toda essa multiplicidade de sensações que a vida oferece, não só as paradisíacas mas também aquelas que o fazem se defrontar com a morte, com a perda, com a angústia e com o desconhecido. Muitas vezes esse desconhecimento é que é a grande fonte propulsora da energia da criação.

**01:02:47:22**

**OFF**

“Por mais que se escoem  
coisas para lata do lixo  
clipes, cãibras, suores  
restos do dia prolixo  
por mais que a mesa imponha  
o frio irrevogável do aço,  
combatendo o que em mim contenha  
a linha flexível de um abraço  
sei que um murmúrio clandestino

circula entre o rio de meus ossos:  
janelas para um mar-abrigo  
de marasmos e destroços.  
Na linha anônima do verso,  
aposto no oposto de meu sim,  
apago o nome e a memória  
num Antônio antônimo de mim.”

*Autoria* - Antonio Carlos Secchin

**01:03:33:26**

### **JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA – Doutor em letras**

A produção do Antônio Carlos Secchin é uma produção muito rica. Nesse sentido, embora ele seja um poeta radicalmente moderno, ou seja, do contemporâneo, ele recorda uma tradição, que é uma tradição que se perdeu. Porque o Secchin é poeta, bibliófilo, professor, ensaísta, crítico e sobretudo, poeta. A poesia do Secchin é uma encruzilhada, tanto de tempos históricos, e sobretudo uma encruzilhada da própria tradição da poesia. Nesse sentido a poesia do Antonio Carlos Secchin produz um conhecimento sobre a tradição da poesia, mas um conhecimento que é sempre voltado para o dia a dia, para o cotidiano. O que nem sempre os leitores se dão conta, um bom humor contagiante na poesia de Antonio Carlos Secchin. Que é um bom humor derivado de uma certa apreensão do mundo, que denota uma visão do mundo, que eu não diria nem séptica e nem necessariamente uma visão digamos utópica. Mas eu diria que sobretudo a poesia de Antonio Carlos Secchin expressa uma visão lúdica do mundo e da realidade. Isto é, o mundo, as sessões da Academia Brasileira de Letras, uma aula inaugural numa importante cátedra, declamar poesias num evento, sempre é um jogo. A dimensão do caráter lúdico, é uma dimensão que domina a poesia, e eu creio, a visão do mundo do poeta Antonio Carlos Secchin. Nesse sentido é muito importante para o Secchin a distinção entre poema e poesia. Poema, em tese, todos podem fazer. Basta versejar e dominar a métrica. Poesia é um estado de espírito, é um instante, é um momento, é transitório. Não se pode ser poeta o tempo todo. Há instantes de poesia. É possível escrever poema a vida inteira. E é possível que esses poemas nunca sejam de fato um instante poético. Na poesia alemã do século dezoito, ou na filosofia alemã do século dezoito, surgiram duas palavras que dizem exatamente isso. De um lado é a palavra “poesi”, que na equação do Secchin seria o poema. E de outro lado a palavra-chave é “XXX”, que não é exatamente poesia no sentido de metrificacão ou de rimas, “XXXX” é um estado de linguagem, é um estado de espírito que surge, que não permanece, mas que é fundamental. Para o Secchin não se trata do poema, embora ele seja contemporaneamente um dos maiores mestres da técnica do poema. Métrica, tipos de rima, formas específicas de versificação. Mas para o Secchin muito mais importante do que o poema é a poesia. Mas um ponto muito importante, para chegar-se a poesia é preciso dominar o poema. Isto é, para chegar-se a um instante em que a poesia surge, e se impõem como uma experiência literária, é preciso ter o domínio das técnicas do poema. E uma das forças da poesia do Secchin é precisamente conciliar o domínio da técnica, com a inspiração desse instante, que seria a poesia.

**01:06:56:17**

### **ANTONIO CARLOS SECCHIN - Atual ocupante da cadeira 19**

Eu considero o poema como um rastro da poesia que passou por ali. A poesia em si como um horizonte necessariamente inalcançável, porque o poeta que acha que chegou a poesia já está, digamos, longe dela. Já a perdeu. Porque a poesia se caracteriza pela vertigem e pela sua incapacidade de ser alcançada na plenitude. De vez em quando, ela concede ao criador certos lampejos, certas marcas que se depositam no caminho e que são os poemas que assinalam essa trajetória infinita do autor em busca de algo que ele

nunca vai alcançar. Mas exatamente sabendo que não vai alcançar, isso não significa que ele deixe de busca-la incessantemente.

**01:07:54:00**

**OFF**

Em seu discurso de posse na ABL, Secchin falou sobre o desapego à “confortável ilusão da unidade”.

Em uma cadeira tão diversa quanto a 19, que já abrigou jornalista, sacerdote, médico, advogado, sociólogo,

A chegada do poeta reforça o valor da heterogeneidade – conceito pouco caro a um de seus antecessores, o integralista Gustavo Barroso.

**01:08:27:11**

**ALEXANDRE PINHEIRO RAMOS - Historiador**

O Gustavo Barroso ele é o principal representante daquilo que você, como pode dizer? Seguramente, dentre outros aspectos nocivos do movimento integralista, talvez um dos mais nocivos, dos mais feios do integralismo, foi o antissemitismo. Então ele vai escrever um série de livros onde isso fica muito claro. Ele vai escrever não só dentro do integralismo, mas também um pouco fora. Ele vai escrever livros como “Brasil, colônia de banqueiro”, “A história secreta do Brasil”, “A sinagoga paulista”, que são livros antissemitas. Pra mostrar que o grande problema do Brasil é que ele está na mão dos judeus, e isso é o grande mal que tem que ser combatido. Então ele se alinha com o nazismo muito facilmente. Ele vê ali no nazismo um modelo a ser seguido. Quando ele ia pra ABL, uniformizado, de capacete, pra ABL, ele faz discursos lá também, contra os judeus, dentro da Academia Brasileira de Letras. Esse antissemitismo inclusive é uma das, dos motivos que leva um pouco desse boicote ao Gustavo Barroso dentro do movimento, por causa desse tom muito forte que ele vai ter. Um antissemitismo muito forte dele, também provoca essa espécie desse boicote.

***Gustavo Barroso – Posse em 1923***

**01:09:59:19**

**OFF**

**Discurso de Posse na ABL - Gustavo Barroso**

“Não basta ter sido eleito pela Academia para se ficar dono de todos os conhecimentos humanos. Essa escolha não se parece com os puxões de orelha dados pelo arcanjo Gabriel a Mafoma, após os quais ele ficou sabendo ler e muitas cousas mais. Ela não implica o dom da sabedoria, que não é nenhuma fruta do bem e do mal. Portanto, é lícito ao escolhido duvidar do próprio mérito.”

**01:10:34:28**

**ALEXANDRE PINHEIRO RAMOS – Historiador**

A produção de Gustavo Barroso é vastíssima. Ele muito jovem, quando ele está ainda no Ceará, ele já tem uma produção muito grande de, são crônicas, contos, romances, trabalhos sobre folclore. Ele tem uma produção jornalística muito grande, como era o habitual da época, os intelectuais encontrarem o sustento deles, se não no que eles trabalhavam, a formação deles, mas muito encontrar na imprensa o principal local. Então ele vai falar, fazer uma circulação da sua produção intelectual, então ele tem essa produção muito grande, que precede a entrada dele no integralismo. Após o período integralista dele, ele vai se dedicar, sobretudo, ao curso de museus, do Museu Histórico Nacional. Ou então ele vai ali, inicia os anais do Museu Histórico Nacional. El escreve muito. Tem uma série de artigos que ele vai publicando. Pra falar sobre museus, pra falar sobre o acervo do Museu Histórico, do tipo de material que tem lá. Ele se dedica a essa reflexão museológica, que era inovadora pra época, inclusive pro

mundo, você não encontra em muitos países essa preocupação com a área museológica. Gustavo Barroso pode ser considerado um dos pioneiros dessa área. É possível notar algumas fases dele. Esse início muito literário mesmo, depois essa fase integralista, fortemente antisemita, e depois essa fase é de uma produção voltada a museologia.

**01:12:31:02**

VINHETA – Estamos apresentando  
Imortais da Academia

**01:12:49:15**

VINHETA – Voltamos apresentar  
Imortais da Academia

**01:12:57:22**

**OFF**

A cadeira 19, passados os 120 anos de existência da ABL, foi marcada pela variedade de perfis que a preencheram.

E já em sua gênese estava um fundador para quem era costumeiro estar ora com gregos, ora com troianos.

**01:13:18:17**

**ISABEL LUSTOSA – Doutora em Ciências Políticas**

O Alcindo Guanabara era filho de dois professores, quer dizer, duas pessoas cultas, ilustradas e pobres. Então ele teve uma infância pobre. Estudou em colégios gratuitos, mas teve uma boa formação. Com, treze anos, se não me engano, ele já trabalhava como boy, já trabalhava, começa na imprensa fazendo pequenos serviços. Ele foi porteiro de um asilo de menores, enfim, acho que isso até influi na sua defesa da questão da maioridade penal, da crítica a dar uma maioridade a pessoas até dezessete anos. Então, na verdade ele estreia na imprensa como office boy, digamos assim, no jornal do José do Patrocínio. Quando os funcionários irritados com a falta de pagamento, decidem fazer uma greve, ele disse: “Eu faço o jornal”. E se mete na redação, escreve. Dizem que ele tinha uma impressionante capacidade de trabalho, e faz todas as seções dos jornais, do jornal. Redige tudo! É à partir daí que ele emerge, com o apoio do José do Patrocínio, se torna um dos principais articulistas do jornal do Patrocínio, um jornal abolicionista, escrevendo artigos abolicionistas. Ele se destaca ali, ele obtém sucesso, é um grande jornalista de fato, muito jovem. Mas logo em seguida, graças a esse cacife, ele é contratado pelo jornal dos escravocratas. Com vinte e dois anos ele se torna o principal redator. Quer dizer, isso diz muito, um pouco desse espírito. O próprio Nelson Werneck Sodré na “História da Imprensa do Brasil” vai dizer, era um grande jornalista, mas essas questões do patronato na imprensa, elas jogavam um papel fundamental na carreira do jornalista.

Alcindo Guanabara – Fundador da cadeira 19

**01:15:07:20**

**OFF**

“O jornal é um centro de onde irradia a força geradora do progresso social; é um elemento de conservação, rememorando diariamente a síntese da vida humana; é uma fonte de esperança, despertando nos espíritos e nos corações o estímulo para o trabalho e para a luta por um futuro melhor.”

*O Jornal* - Alcindo Guanabara, em *O País*

**01:15:33:18**

**ISABEL LUSTOSA – Doutora em Ciências Políticas**

O interessante na trajetória do Alcindo é que ele marca a sua situação, por exemplo, na Proclamação da República, logo depois, ele é um ardoroso combatente contra o Marechal Deodoro. Em seguida ele é patrocinado de certa forma, pelo Floriano Peixoto, viaja à Europa, enfim. Depois ele vai atacar duramente Prudente de Moraes, na verdade os florianistas estavam contra Prudente, mas vai ser um ardoroso defensor, vai publicar livro e tudo sobre Campos Sales. Enfim, me parece que ele tem uma trajetória bem de conveniência na vida política, não deixa de ter suas razões, imagino, porque é um grande jornalista, é um homem muito articulado. Mas, é preciso sempre situar a questão dessa, digamos assim, mobilidade do jornalista. Na campanha sibilista, por exemplo, o Alcindo está contra Rui Barbosa e a favor de Hermes, dos militares. E depois, ele tem uma atuação bastante criticada por conta desses ataques à Rui Barbosa, e depois ele vai fundar um jornal socialista. Então, são contradições de pessoas que faziam sua carreira profissional e política à partir de determinados interesses e as convicções não jogavam um papel tão importante, digamos assim.

**01:17:02:11**

**OFF**

Das polêmicas que circundam a imagem de Alcindo Guanabara, voltamos ao atual ocupante da cadeira 19. Mas, quanto a Antonio Carlos Secchin, não paira dúvida de que, além de grande poeta, acumula enorme lastro como crítico literário.

**01:17:25:00**

**ANTONIO CARLOS SECCHIN - Atual ocupante da cadeira 19**

Parece que tudo são aventuras na linguagem. Você tem perspectivas um pouco diferente entre o crítico e o poeta na medida que o poeta tem diante de si um infinito de uma página em branco que ele pode levar para onde ele quiser. E o crítico, embora possa se aprofundar também de maneira abissal, ele tem um parâmetro que é a referência de um outro texto já escrito, antes que ele comece a falar. Eu acredito que uma crítica literária ao contrário do que se diz que é um escrita, é também um escuta. É mais uma escuta que depois se transforma numa escrita. Enquanto o poeta é aquele que escuta as vozes anônimas e infundáveis do mundo. O crítico é aquele que tem uma escuta específica sobre o objeto, que é o poema, ou o romance, ou a peça de teatro, sob a qual ele vai se pronunciar. Então a rigor o bom crítico ele cria um outro objeto. Ele é tão criador, com as devidas proporções, quanto o autor. Porque com a boa leitura você entra por um texto e você sai por outro. E esse outro é o texto criado pela sensibilidade do crítico. É sempre uma relação de paixão, de empatia, de sintonia, com o objeto que eu estou analisando. Não vamos perder tempo falando daquilo que não gostamos. Porque é tanta coisa interessante. Podemos talvez perder tempo com aquilo que odiamos. Porque o ódio também é um sentimento visceral, e se alguma coisa te incomoda muito, você pode até perder um certo tempo pra falar desse sintoma do ódio. Mas eu acho que a paixão positiva, amorosa, ela tende a ser a mais fecunda. Embora mais passageira. O problema é virar digamos, um casamento convencional. Quer dizer, o artista tem que ter sempre o poder de surpreender o crítico, porque eu até costumo brincar dizendo que qualquer momento eu ia entrar no INSS para pedir uma aposentadoria em João Cabral. Porque trinta e cinco anos casado com a poesia dele, já seria tempo de eu pedir assim o divórcio. E eu brinquei também quando eu lancei esse meu livro em dois mil e quinze aqui no Rio, que seria uma celebração, não de um casamento, mas do divórcio. Vamos fazer uma saideira, um momento de adeus à poesia do João Cabral, porque eu a esgotei, não que ela tenha sido esgotada por mim, mas que ela me esgotou. Eu não a esgotei. Então, como ela me esgotou, agora eu passo a bola para outro crítico conseguir exaurir-se ali de uma maneira que eu não fui capaz.

**01:20:36:07**

**OFF**

“Não há (...), na poesia brasileira, uma linhagem ostensiva onde comodamente se possa instalar a obra de João Cabral de Melo Neto. Essa espécie de orfandade, que faz dele um autor-ilha, não implica, insistimos, um processo criador isento da história, inclusive porque uma ilha só se percebe por oposição ao continente. Diante desse continente literário, com suas famílias e genealogias bem assentadas, a ilha cabralina é uma poesia encharcada de silêncio por todos os lados.”

*João Cabral: A Poesia do Menos*

Antonio Carlos Secchin

**01:21:19:16**

**JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA – Doutor em letras**

O Secchin, eu considero junto com poucos pares, o mais agudo leitor de poesia no Brasil contemporâneo. Por exemplo em relação a poesia de João Cabral de Melo Neto, o Secchin tem um livro decisivo, que é “A poesia do menos”. E ele tenta mostrar como toda poética do João Cabral opera contra o excesso, contra o transbordamento do significado. Então toda poética do João Cabral de Melo Neto está expressa nesse belíssimo poema, em que o João Cabral descreve como é que se cata feijão. “Para catar feijão o mais importante não é reunir todos os caroços. É selecionar aqueles que de fato devem ser, por assim dizer, preparados.” A tarefa da poesia do Cabral nos ensina o crítico e ensaísta Antonio Carlos Secchin, é ter elaborado uma poética do menos, uma poesia do menos. Que sempre corta, que sempre lima, que sempre aparar. Ilustrando isso, para mostrar como o Secchin crítico e ensaísta fecundo o Secchin poeta, eu vou ler um poema do Secchin, que é uma espécie de arte poética e que é muito enriquecedor para compreender como o Secchin metamorfoseia ele crítico no Secchin poeta. Se chama Biografia. Diz assim: “O poema vai nascendo num passo que desafia. Numa hora eu já o levo, outra vez ele me guia. O poema vai nascendo mas seu corpo é prematuro, letra lenta que incendeia com a carícia de um murro. O poema vai nascendo sem mão ou mãe que o sustente, e perverso me contradiz insuportavelmente. Jorro que engole segura o pedaço duro do grito. O poema vai nascendo pombo de pluma e granito.” É um poema que tem uma clara dicção cabraliana. Revela a profundidade da leitura e da apropriação que o Secchin fez de João Cabral de Melo Neto. Mas tem um traço próprio da poesia do Secchin que é mais uma vez esse jogo lúdico e essa espécie de distância deliberada do poeta em relação a ele mesmo. Porque o poema vai nascendo. Mas vai nascendo por assim dizer contra o próprio poeta. E a biografia do título não é a biografia do poeta. Isso é muito importante. É a biografia não do poema, mas da poesia.

João Cabral de Melo Neto – Posse em 1969

Antonio Carlos Secchin – Posse em 2004

**01:23:59:17**

**ANTONIO CARLOS SECCHIN - Atual ocupante da cadeira 19**

Parafrazeando um pouco meu amigo poeta Ferreira Goulart, eu creio que a arte nasce quando a realidade não é suficiente. Quando você vivencia o real como falta ou como excesso, porque também o excesso, o transbordamento é algo que sai do limite. Eu creio que a pessoa absolutamente feliz e satisfeita com seus limites dificilmente será um criador. O criador é aquele que vai sempre desconfiar dessa relação harmônica pacificada entre as coisas e as palavras e a realidade. Como esse real feito de frestas de

aberturas e fechamentos, o poeta ou escritor ou o artista em geral, é aquele que não tem definitivamente uma relação harmônica e apaziguada com a realidade.

## **VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 19

Patrono – Joaquim Caetano da Silva

Fundador – Alcindo Guanabara

Dom Silvério Gomes Pimenta

Gustavo Barroso

Antônio da Silva Melo

Américo Jacobina Lacombe

Marcos Almir Madeira

Atual – Antonio Carlos Secchin